

Infância e natureza: práticas de Educação Ambiental na Educação Infantil

Maria Nayane Paz Bandeira ⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

1

Resumo

O estudo apresenta uma análise bibliográfica sobre práticas de Educação Ambiental na Educação Infantil, com foco na relação entre infância e natureza. A investigação foi realizada a partir de artigos publicados entre 2020 e 2024, identificados na Plataforma CAPES, e analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo. Os resultados evidenciam que as práticas pedagógicas convergem na valorização do contato direto das crianças com a natureza, seja por meio de hortas, exploração de biomas, vivências sensoriais ou atividades ecopedagógicas. Observou-se que tais experiências contribuem para aprendizagens significativas e para a formação de vínculos afetivos, éticos e políticos com o ambiente natural, reafirmando os objetivos propostos por Tiriba (2010): religar as crianças à natureza, reinventar os caminhos de conhecer e recusar o consumismo e o desperdício. Conclui-se que a Educação Ambiental na Educação Infantil deve ser intencional, contínua e crítica, constituindo-se como dimensão fundamental para a formação integral e sustentável das crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil. Educação Ambiental. Infância e Natureza. Práticas Pedagógicas.

Childhood and nature: Environmental Education practices in Early Childhood Education

Abstract

This study presents a bibliographic analysis of Environmental Education practices in Early Childhood Education, focusing on the relationship between childhood and nature. The investigation was based on articles published between 2020 and 2024, identified in the CAPES database, and analyzed using the Content Analysis method. The results show that pedagogical practices converge on valuing children's direct contact with nature, whether through school gardens, biome exploration, sensory experiences, or ecopedagogical activities. These experiences contribute to meaningful learning and to the development of affective, ethical, and political bonds with the natural environment, reaffirming the objectives proposed by Tiriba (2010): reconnecting children with nature, reinventing ways of knowing, and rejecting consumerism and waste. The study concludes that Environmental Education in Early Childhood must be intentional, continuous, and critical, becoming a fundamental dimension for the integral and sustainable development of children.

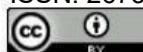
Keywords: Early Childhood Education. Environmental Education. Childhood and Nature. Pedagogical Practices.

1 Introdução

A Educação Ambiental (EA), entendida como campo que mobiliza valores, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas à conservação do meio ambiente e à sustentabilidade (Brasil, 1999), tem ocupado lugar crescente nos debates sobre políticas públicas e educação. Pode-se dizer que isso se dá, exponencialmente, por dois fatores: (i) a urgência das questões socioambientais que desafiam o mundo atual, como mudanças climáticas, degradação dos ecossistemas e esgotamento de recursos naturais; e (ii) a perspectiva do papel da educação como promotora de transformações sociais, capaz de formar sujeitos críticos, conscientes e comprometidos com a sustentabilidade. Esses pressupostos estão refletidos na Resolução nº2/2012 que reconhece o caráter emancipatório da EA diante dos desafios do contexto nacional e mundial.

Nesse cenário, a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), em seu Art. 9º, determina que a EA deve ser desenvolvida em todos os níveis e modalidades de ensino, incluindo a Educação Infantil, tanto em instituições públicas quanto privadas. Na primeira infância, o propósito fundamental é o desenvolvimento integral da criança, nas suas dimensões cognitivas, emocionais, sociais e culturais. Nesse processo, as crianças são vistas como sujeitos históricos e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivenciam, constroem suas identidades pessoais e coletivas. Ou seja, "brincam, imaginam, fantasiam, desejam, aprendem, observam, experimentam, narram, questionam e constroem sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura" (Brasil, 2010, p. 12).

O currículo da Educação Infantil caracteriza-se como um conjunto de práticas coletivas planejadas nas propostas pedagógicas e no Projeto Político-Pedagógico (PPP) das instituições, orientadas para o desenvolvimento holístico de crianças de 0 a 5 anos. Essas propostas incorporam princípios éticos, políticos e estéticos, destacando-se, entre eles, a promoção da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferenças culturais (Brasil, 2010). Ademais, os eixos norteadores dessas práticas são as



interações e a brincadeira, que visam assegurar direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Nesse sentido, ao enfatizar o aspecto ambiental, cabe destacar a orientação de “promover a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais” (Brasil, 2010, p. 26). Dessa forma, mesmo sem constituir um eixo curricular formal, a EA atravessa o cotidiano da Educação Infantil, refletindo-se no conjunto de experiências e saberes construídos na primeira infância, oportunizados através das propostas e práticas pedagógicas nas instituições.

Tiriba (2010) destaca que creches e pré-escolas constituem espaços privilegiados de aprendizagem, nos quais as crianças vivenciam suas primeiras experiências e percepções sobre o mundo, o que torna indispensável a presença da dimensão ambiental nesses contextos. Nessa perspectiva, as práticas pedagógicas desenvolvidas na Educação Infantil constituem oportunidades fundamentais para a relação das crianças com a natureza, seja por meio de atividades de exploração de espaços verdes, do cultivo de hortas, do cuidado com animais ou de brincadeiras que envolvem elementos naturais. Essas vivências, na prática, contribuem para que os pequenos construam vínculos afetivos e de pertencimento ao meio em que vivem, ao mesmo tempo em que despertam valores de cuidado com o ambiente natural. Assim, “diante de uma cultura que silencia a unidade e valoriza a dicotomia, é preciso afirmar, desde cedo, a importância da Educação Ambiental como processo que religa ser humano e natureza, razão e emoção, corpo e mente, conhecimento e vida” (Tiriba, 2010, p.2).

Diante desse quadro, o presente estudo busca identificar, por meio de pesquisa bibliográfica, práticas pedagógicas na Educação Infantil que se relacionem com a Educação Ambiental e a conexão com a natureza desde a primeira infância. Pretende-se compreender de que modo essas práticas contribuem para o desenvolvimento integral das crianças, promovendo a construção de valores, atitudes e saberes que reforçam os vínculos afetivos com o meio natural e evidenciam o caráter político e formativo da Educação Ambiental.

A relevância deste estudo reside, portanto, na possibilidade de ampliar a compreensão sobre a inserção da EA na Educação Infantil, fortalecendo políticas

públicas e práticas pedagógicas que valorizem a infância como etapa fundamental para a formação de sujeitos sensíveis e conectados com a natureza, possibilitando, então, a sustentabilidade socioambiental.

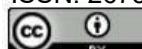
Dessa forma, o artigo organiza-se em quatro seções principais. A introdução apresenta a fundamentação teórica e a contextualização do tema, evidenciando a importância da Educação Ambiental na primeira infância. Em sequência, na metodologia, são descritos os procedimentos que orientaram a seleção e a análise das produções acadêmicas. A seção de resultados e discussões aprofunda a análise das práticas pedagógicas identificadas, destacando como essas experiências favorecem o contato das crianças com a natureza. Por fim, as considerações finais reúnem as conclusões do estudo e apontam perspectivas para o aprimoramento das práticas e pesquisas sobre a Educação Ambiental na Educação Infantil.

4

2 Metodologia

O presente estudo tem como metodologia central a pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, cujo objetivo é identificar e analisar práticas pedagógicas de Educação Ambiental desenvolvidas na Educação Infantil. A pesquisa bibliográfica, segundo Pizzani *et al.* (2012, p. 54), é a “[...] revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico”. Para os autores, é uma revisão que “pode ser realizada em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras fontes.” Esta, segundo Pereira *et al.* (2024), parte da análise, bem como da síntese de fontes bibliográficas relacionadas a uma temática específica e em outras publicações já existentes sobre o assunto escolhido, elucidando e/ou complementando outros estudos já produzidos.

O levantamento do material foi realizado na Plataforma de Periódicos CAPES, por ser repositório abrangente de periódicos científicos nacionais disponíveis para pesquisadores vinculados a instituições brasileiras. As buscas utilizaram as combinações booleanas com o operador lógico “AND” nas seguintes palavras-chave: “Educação Ambiental”, “Educação Infantil”, “Práticas Pedagógicas”, e “Infância e natureza”. As buscas contemplaram o período 2020–2024, visando



priorizar produções recentes que descrevessem práticas pedagógicas relacionadas à infância, natureza e educação ambiental. Como critérios de inclusão, consideraram-se artigos publicados no período delimitado, disponíveis integralmente na base, que abordassem especificamente a Educação Infantil e apresentassem práticas ou reflexões pedagógicas de EA. Foram excluídos trabalhos que, embora discutissem a Educação Ambiental, não contemplassem diretamente a etapa da Educação Infantil ou não apresentassem análises voltadas à prática educativa.

5

Quadro 1: Síntese dos dados bibliográficos

Ano	Autores	Título da publicação	Palavras-chave
2020	Schwalm, F. U. Robaina, J. V. L.	A Abordagem Ecopedagógica para Sensibilização Ambiental na Educação Infantil.	Ecopedagogia. Cidadania planetária. Fundamentos Estéticos. Ludicidade. Educação Ambiental.
2022	Neuenfeldt, D. J. Bauer, G. B	Educação Infantil e Educação Ambiental: Vivências Cinestésicas com a Natureza	Educação Ambiental. Educação Infantil. Educação Física.
2022	Scroccaro, V. L. Pedroso, D. S. Rodrigues, D. G.	Prática Docente em Educação Ambiental: Um Estudo de Caso sobre a Horta na Educação Infantil.	Educação Ambiental. Horta. Educação Infantil.
2023	Ramos, R. C. C. Vieira, I. C. B. Ribeiro, E. A. W.	Práticas de Educação Ambiental na Educação Infantil: Mata Atlântica, Nossa Bioma.	Bioma. Educação Ambiental. Práticas Pedagógicas. Educação Infantil.
2020	Spinelli, C. S. Zucco, J. Euzebio, J. S.	Educação Ambiental: refletindo sobre a relação criança e natureza na Educação Infantil.	Criança. Educação Infantil. Educação Ambiental

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Para a análise dos dados, utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo, a qual, segundo Bardin (2016), organiza-se em três fases principais: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados com posterior interpretação. Esse procedimento possibilitou descrever as práticas relatadas nos artigos e identificar elementos comuns entre elas. Observou-se que, apesar das especificidades de cada proposta, todas as experiências compartilham um aspecto



central: a valorização do contato direto das crianças com a natureza, seja por meio do cultivo de hortas, do estudo de biomas, da exploração de espaços verdes ou de atividades ecopedagógicas.

Como eixo interpretativo complementar, a análise foi guiada pelos três objetivos para um projeto pedagógico compromissado com a preservação da vida, propostos por Tiriba (2010): religar as crianças à natureza; reinventar os caminhos de conhecer; e recusar o consumismo e o desperdício. A adoção desses referenciais possibilitou compreender de que modo as práticas descritas nos artigos, ainda que distintas em suas abordagens, convergem na intenção de aproximar infância e natureza, promovendo aprendizagens significativas, sensibilização ambiental e formação crítica.

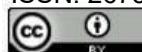
6

3 Resultados e Discussões

A análise dos cinco artigos selecionados evidenciou que, apesar das especificidades de cada proposta, há uma convergência central: todas as práticas de Educação Ambiental (EA) desenvolvidas na Educação Infantil buscam favorecer o contato direto da criança com a natureza, seja pelo cultivo de hortas, pela exploração de biomas, pela vivência em espaços verdes ou por atividades ecopedagógicas. Essa aproximação entre infância e ambiente natural aparece como estratégia privilegiada para o desenvolvimento da consciência ambiental desde os primeiros anos de vida.

Tiriba (2010) defende que um projeto pedagógico comprometido com a preservação da vida deve ter como objetivos centrais religar as crianças à natureza, reinventar os caminhos do conhecimento e recusar o consumismo e o desperdício. Essa perspectiva é particularmente relevante para compreender os artigos analisados, já que todos, de maneiras distintas, buscam concretizar esses princípios por meio de práticas de Educação Ambiental na Educação Infantil.

O trabalho de Schwalm e Robaina (2020), “A Abordagem Ecopedagógica para Sensibilização Ambiental na Educação Infantil”, apresenta uma experiência conduzida em Porto Alegre/RS com crianças de quatro e cinco anos, fundamentada



nos princípios da ecopedagogia. Os autores partem de uma crítica à sociedade de consumo e à fragmentação do conhecimento escolar, propondo que a EA na infância seja capaz de despertar sensibilidades e valores de forma integrada.

O estudo utilizou o interesse das crianças pela "transformação da natureza" e pelo ciclo de vida das sementes como temas geradores para orientar um projeto pedagógico. As atividades desenvolvidas, como roda de conversa a partir de uma música pertinente ao tema de interesse das crianças, experiências sensoriais com sementes, dissecação de flores e exploração de árvores do bairro, destacam-se por articular ciência e vínculo afetivo. A prática de construção de um herbário pelas crianças é um exemplo de como a aprendizagem científica pode se aliar à dimensão simbólica e emocional. O estudo concluiu que as atividades ao ar livre e além dos muros da escola, como a visita à praça próxima para exploração das árvores locais, foram as que geraram maior entusiasmo nas crianças e possibilitaram não somente o aprendizado científico, mas também o envolvimento emocional atribuído a cada experiência e contato com o meio natural.

Essa prática está intimamente alinhada ao que Tiriba (2010) aborda ao tratar do objetivo de conectar as crianças à natureza: é preciso "desemparedar". Para a autora, "[...] cuidar das crianças significa mantê-las em contato com o universo natural de que são parte" (TIRIBA, 2010, p.7). Para isso, é necessário que elas tenham contato com elementos naturais, tanto dentro quanto fora das salas de referências, pois, se as crianças são, essencialmente, seres da natureza, é preciso, nas instituições de educação infantil, "[...]repensar e transformar uma rotina de trabalho que supervaloriza os espaços fechados e propiciar contato cotidiano com o mundo que está para além das salas de atividades." (TIRIBA, 2010, p.7).

De forma complementar, Neuenfeldt e Bauer (2022), em "Educação Infantil e Educação Ambiental: Vivências Cinestésicas com a Natureza", propõem que é pelo corpo que a criança conhece o mundo. A pesquisa, realizada em uma escola privada do Rio Grande do Sul, envolveu cinco crianças em atividades que exploravam a dimensão sensorial e motora: tocar e brincar com a terra e a água, plantar flores, realizar uma "caça ao tesouro" com elementos naturais, imitar sons de animais e degustar frutas de olhos vendados. Tais práticas revelam que a EA pode ser

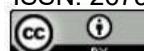
incorporada às aulas de Educação Física, valorizando a experiência cinestésica como forma de religação com o meio ambiente. Um aspecto inovador desse estudo é a análise do ambiente familiar, trazendo a perspectiva do contato com a natureza também nas interações com a família: os autores destacam o papel dos avós como incentivadores de vivências criativas no ambiente natural, demonstrando que a EA na infância não se limita ao espaço escolar, mas se articula às práticas culturais comunitárias.

8

Essa visão amplia o horizonte da EA ao articular a dimensão corpo e cultura. Nesse sentido, a pesquisa contribui para a proposta de experiências que convidem ao contato sensorial, afetivo e emocional com a natureza, que são próprias “[...]das manifestações culturais brasileiras, fundadas na conexão com a terra e com tudo o que está vivo, na valorização do lúdico, dos rituais que alimentam os laços comunitários.” (Flores; Tiriba, 2016, p.174). Consoante a isso, fica evidente o caráter transversal da Educação Ambiental, ao refletir-se em práticas voltadas também para a Educação Física das crianças nas instituições. Esse pressuposto está inscrito no inciso II do art. 14 e nos incisos I e III do art. 16 das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (Brasil, 2012), que tratam dos objetivos e currículo da EA.

Ainda, o estudo de Scroccaro *et al.* (2022), “Prática Docente em Educação Ambiental: Um Estudo de Caso sobre a Horta na Educação Infantil”, traz uma análise sobre a utilização de uma horta escolar em um Centro de Educação Infantil de Curitiba/PR. A pesquisa observa que a horta é explorada principalmente como recurso para ensinar noções de alimentação saudável, mas nem sempre mobiliza reflexões mais amplas sobre questões socioambientais. No entanto, episódios como a curiosidade despertada nas crianças pela observação de minhocas revelam que situações simples podem se transformar em oportunidades de aprendizagem crítica, desde que acompanhadas por mediações pedagógicas significativas.

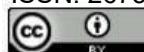
O artigo sugere que a horta, quando incorporada de forma sistemática à rotina escolar, pode funcionar como um “laboratório vivo”, no qual as crianças participam de todas as etapas do cultivo, plantio, cuidado e colheita, desenvolvendo senso de responsabilidade, cooperação e respeito à vida. Essa vivência direta e



contínua adquire um significado profundo quando as crianças consomem no almoço os alimentos que elas mesmas cultivaram, levando hábitos saudáveis para além dos muros da escola. O estudo conclui que a horta é uma ferramenta poderosa que contribui para a formação de valores, mas aponta para uma defasagem na formação de professores, sendo crucial que os docentes explorem esse recurso para além do utilitarismo, promovendo uma sensibilização genuína sobre o meio ambiente.

O estudo analisado entra em consonância com o segundo objetivo elaborado por Tiriba (2010): reinventar os caminhos de conhecer. Para a autora, não basta apenas aprender sobre a natureza, é necessário senti-la e compreendê-la no processo. Nesse sentido, experiências de plantio e conservação de hortas, como a mencionada no artigo, são essenciais para a relação das crianças com a natureza. No entanto, essas vivências precisam estar presentes na rotina das instituições, e não apenas em momentos específicos. É fundamental que as crianças participem de forma ativa no cuidado com o meio natural, isto é, “reguem, participem da limpeza da horta, da colheita, se integrando, vivenciando e conhecendo na prática os processos de nascimento e crescimento dos frutos da terra.” (Tiriba, 2010, p.10).

Sob essa perspectiva, o artigo de Ramos et al. (2023), “Práticas de Educação Ambiental na Educação Infantil: Mata Atlântica, Nossa Bioma”, fundamenta-se em uma sólida base teórica que une as perspectivas de Piaget, Steiner e Freire para propor uma atividade prática e lúdica: a construção de um "Jardim Sensorial" com foco no bioma Mata Atlântica. A proposta, elaborada como roteiro didático, prevê um percurso sequenciado com estações que buscam aguçar a curiosidade e o poder investigativo das crianças. A experiência começa com a exploração da fauna: com os olhos vendados, utilizando apenas a audição, as crianças identificam sons de animais como o sapo-cururu e a capivara. Em seguida, a estação da flora convida ao contato direto com plantas medicinais e ornamentais, como o manjericão, o maracujá-do-mato e a espinheira-santa, estimulando o tato, olfato, paladar e a visão. A jornada continua pela exploração do solo, onde, descalças, as crianças sentem diferentes texturas como areia e argila, relacionando-as aos ecossistemas da Mata Atlântica. Por fim, a estação do clima utiliza recursos simples como ventilador e



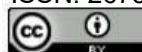
regador para simular vento e chuva, e garrafas com água congelada para representar a umidade do ar.

10

Essa proposta busca, acima de tudo, despertar afetividade, pertencimento e cuidado das crianças com o meio em que vivem. Relacionando-se com o segundo objetivo proposto por Tiriba (2010), pode-se dizer que a prática analisada enfatiza a aprendizagem e o contato com a natureza por meio dos sentidos. As estações da fauna, flora, solo e clima trabalharam tanto a audição e o tato quanto o olfato, o paladar e a visão. A apropriação dos conhecimentos sobre o bioma da Mata Atlântica, portanto, teve como foco principal a vivência e participação ativa das crianças. Ao repensar os conhecimentos e o contato com a natureza na infância é necessário levar em considerações outras dimensões de aprendizado, como o sensorial, pois, “a Educação Ambiental assume os sentidos como fontes de prazer, felicidade e conhecimento.” (Tiriba, 2010, p. 11).

Por fim, o artigo de Spinelli et al. (2020), “Educação Ambiental: refletindo sobre a relação criança e natureza na Educação Infantil”, relata as experiências de um projeto de extensão de longa duração do Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) da UFSC, que visa fortalecer a relação entre criança e natureza. As práticas pedagógicas são planejadas de forma intencional e articuladas aos projetos de cada turma, buscando sistematizar os conhecimentos e desenvolver a consciência crítica e a responsabilidade socioambiental desde a Educação Infantil.

As atividades desenvolvidas são diversificadas e práticas, buscando sempre o envolvimento direto das crianças. Destacam-se a reciclagem de papel e a confecção de "ecocadernos" a partir da reutilização de materiais, atividades que promovem a reflexão sobre os 5 Rs (repensar, reduzir, recusar, reutilizar e reciclar) e os hábitos de consumo. O projeto também utiliza o minhocário, introduzido de forma lúdica por meio de um teatro de fantoches, para ensinar sobre compostagem e o papel ecológico das minhocas. Na horta, as crianças participam de todo o ciclo do cultivo, da adubação até a colheita, utilizando os alimentos em atividades culinárias e aprendendo sobre alimentação saudável, polinizadores e o ciclo da vida. Outras ações incluem o cultivo de ervas medicinais, exposições de animais (anfíbios e répteis) e de maquetes, todas planejadas para ampliar o repertório das crianças,

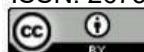


estimular a curiosidade, o encantamento e construir uma relação consciente e de cuidado com o meio ambiente.

O conjunto de práticas desenvolvidas pelo projeto de extensão do NDI, dialoga diretamente com o terceiro objetivo destacado por Tiriba (2010): a recusa ao consumismo e ao desperdício. Ao desenvolver experiências que permitam às crianças o contato e o reaproveitamento de materiais, como a produção de ecocadernos a partir de papel reciclado e a compostagem de resíduos orgânicos, o projeto torna possível promover momentos de diálogo e reflexão com as crianças sobre hábitos de consumo e preservação do meio ambiente. Como afirma a autora: “são estes os caminhos que nos levarão a dizer não ao consumismo e ao desperdício de recursos naturais, renováveis e não renováveis.” (Tiriba, 2020, p.11). Essa perspectiva reforça a intencionalidade de práticas pedagógicas voltadas para a relação infância-natureza e evidencia o caráter político e transformador da educação ambiental.

De forma geral, a análise permitiu constatar que os cinco artigos investigados se aproximam dos três objetivos fundamentais da Educação Ambiental propostos por Tiriba (2010). O primeiro, o de religar as crianças à natureza, manifesta-se nas experiências de contato direto com o meio natural, seja por meio das vivências sensoriais, das hortas escolares ou da exploração de biomas locais. O segundo, o de reinventar os caminhos de conhecer, aparece nas propostas que valorizam a aprendizagem pela experiência e pela ludicidade, integrando ciência, afeto e corporeidade como dimensões indissociáveis do aprender. Já o terceiro objetivo, de dizer não ao consumismo e ao desperdício, é evidenciado em práticas que promovem o reaproveitamento de materiais e a reflexão crítica sobre hábitos de consumo, como nos projetos de compostagem e produção de cadernos ecológicos.

Assim, pode-se afirmar que a principal contribuição das práticas analisadas é a reafirmação de que a Educação Ambiental, quando inserida de forma intencional e vivencial na Educação Infantil, não apenas promove aprendizagens cognitivas, mas também constrói vínculos afetivos, éticos e políticos com o meio ambiente, constituindo-se como dimensão indispensável da formação integral da criança. Nesse sentido, Tiriba (2010) lembra que a Educação Ambiental é política e, por sê-



lo, exige práticas que sensibilizem e estimulem o contato com a natureza, mas que também assumam um caráter intencional de transformar modos de vida, hábitos de consumo e formas de relação com o mundo. Complementarmente, Carvalho (2005, p. 23) enfatiza que isso significa “tomar a sério a noção de aprendizagem entendida como processo capaz de operar mudanças cognitivas, sociais e afetivas importantes tanto nos indivíduos e grupos quanto nas instituições.”

12

4 Considerações finais

Conclui-se que a análise dos cinco artigos selecionados evidencia a centralidade do contato direto com a natureza nas práticas pedagógicas de Educação Ambiental (EA) desenvolvidas na Educação Infantil. Apesar das especificidades de cada proposta, todas as experiências investigadas apontam para a importância de religar as crianças ao ambiente natural, reinventar modos de conhecer e recusar o consumismo e o desperdício, em consonância com os objetivos propostos por Tiriba (2010).

As práticas analisadas revelam que a EA nessa etapa da educação não deve restringir-se a ações pontuais ou meramente informativas, mas assumir um caráter político, integrando-se ao cotidiano escolar como experiência contínua e significativa. Outro aspecto relevante refere-se à necessidade de investir na formação de professores, de modo que possam explorar o potencial crítico e transformador da EA na infância, superando práticas superficiais e fortalecendo experiências significativas para as crianças.

Por fim, reconhece-se como limitação deste trabalho a análise restrita a cinco produções acadêmicas. Recomenda-se que futuras pesquisas ampliem o escopo, incluindo diferentes contextos e a participação de crianças, famílias e educadores no processo investigativo. Ainda assim, os achados aqui apresentados reforçam que a Educação Ambiental desde a primeira infância é essencial para promover o contato direto com a natureza e o desenvolvimento de vínculos afetivos com o meio ambiente, tornando-se importante para a formação de sujeitos comprometidos com a sustentabilidade socioambiental.

Referências

13

BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Conselho Pleno. **Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012.** Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rcp002_12.pdf. Acesso em: 15 set. 2025.

BRASIL. **Lei 9.795, de 27 de abril de 1999.** Política Nacional de Educação Ambiental. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm. Acesso em: 15 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 15 set. 2025.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.

CARVALHO, I. C. M. A invenção do sujeito ecológico: identidades e subjetividade na formação dos educadores ambientais. In: Sato, M. & Carvalho, I. C. M. (orgs) **Educação Ambiental:** pesquisa e desafios. Porto Alegre, Artmed, 2005.

FLORES, M. L. R.; TIRIBA, L. A Educação Infantil no Contexto da Base Nacional Comum Curricular: Em Defesa das Crianças como Seres da Natureza, Herdeiras das Tradições Culturais Brasileiras. **Debates em Educação**, v. 8, n. 16, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/252216>. Acesso em: 18 set. 2025.

NEUENFELDT, D. J.; BAUER, G. B. Educação infantil e educação ambiental: vivências cinestésicas com a natureza. **Revista Didática Sistêmica**, [S. I.], v. 23, n. 2, p. 207–220, 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W4293236610>. Acesso em: 16 set. 2025.

PEREIRA, A. S. M. et al. Educação Indígena: o que se tem pesquisado? **Debates em Educação**, [S. I.], v. 16, n. 38, p. e15850, 2024. DOI: 10.28998/2175-6600.2024v16n38pe15850. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/15850>. Acesso em: 10 out. 2025.

PIZZANI, L. et. al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação (RDBCi)**, Campinas, SP, v. 10, n. 2, p. 53–66, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbc/article/view/1896>. Acesso em: 15 set. 2025.

RAMOS, R. C. C.; VIEIRA, I. C. B.; RIBEIRO, E. A. W. Práticas de Educação Ambiental na educação infantil: Mata Atlântica, nosso bioma. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, [S. I.], v. 18, n. 5, p. 129–154, 2023. Disponível em:

<https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W4385971285>. Acesso em: 16 set. 2025.

SCHWALM, F., & ROBAINA, J. V. L. A abordagem ecopedagógica para sensibilização ambiental na educação infantil. **Revista Ciências & Ideias**, 11(3), 201–214, 2020. Disponível em:

<https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W3112553095>. Acesso em: 16 set. 2025.

SCROCCARO, V. L; PEDROSO, D. S.; RODRIGUES, D. G. Prática docente em Educação Ambiental: um estudo de caso sobre a horta na educação infantil. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, [S. I.], v. 17, n. 4, p. 261–274, 2022. Disponível em:

<https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W4289202879>. Acesso em: 16 set. 2025.

SPINELLI, C. S.; ZUCCO, J.; EUZÉBIO, J. S. Educação Ambiental: refletindo sobre a relação criança e natureza na Educação Infantil. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, 2020. Disponível em:
<https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W3134975083>. Acesso em: 16 set. 2025.

TIRIBA, L. Crianças da natureza. In: **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – perspectivas atuais**. Belo Horizonte, novembro, 2010.

ⁱ Maria Nayane Paz Bandeira, ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7784-2056>.

Universidade Federal do Ceará; Faculdade de Educação;

Estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará e bolsista PIBIC pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Contribuição de autoria: Concepção do estudo, levantamento bibliográfico, análise e interpretação dos dados e revisão final do manuscrito.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4812002960266446>

E-mail: nayanepaz@alu.ufc.br

Editora responsável: Arliene Stephanie Menezes Pereira Pinto

Recebido em 25 de setembro de 2025.
Aceito em 26 de outubro de 2025.

Publicado em 28 de outubro de 2025.

Como citar este artigo (ABNT):

BANDEIRA, Maria Nayane Paz. Infância e natureza: práticas de Educação Ambiental na Educação Infantil. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 6, n. 1, 2025.

